

# O OUTRO LADO DA HISTÓRIA: PERCEPÇÕES SOBRE A FIGURA DO LOBO NA OBRA “A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS”

Sthefany Rübenich<sup>1</sup>

Carina Fior Postingher Balzan<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente estudo investigou as percepções de crianças do quarto ano do Ensino Fundamental a respeito do personagem lobo na obra “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”, de Jon Scieszka. A abordagem dessa obra, que é uma releitura do conto clássico “Os Três Porquinhos”, pode contribuir para a formação de pequenos leitores, estimulando a consciência reflexiva por meio do contato com a linguagem literária, já que a literatura infantil desempenha papel importante na construção do pensamento crítico, sendo fundamental desde os primeiros anos de escolarização. A metodologia adotada é a pesquisa participante, que foi desenvolvida em uma Organização da Sociedade Civil no município de Carlos Barbosa/RS no mês de março de 2025. A abordagem incluiu a realização de uma sequência didática focada no livro, estimulando as crianças a explorarem diferentes representações literárias do lobo ao analisarem os aspectos narrativos por meio da comparação da obra “A Verdadeira História dos Três Porquinhos” com o conto clássico. Os dados foram coletados em forma de diário de campo, em que foram registradas as manifestações orais dos sujeitos da pesquisa, além de registro fotográfico das atividades por eles desenvolvidas. Os dados foram analisados qualitativamente, à luz do referencial teórico construído. Os resultados da pesquisa evidenciaram o potencial da literatura infantil que, ao explorar a linguagem literária caracterizada pela plurissignificação, possibilitou que as crianças modificassem a percepção que tinham sobre o lobo, questionando certos estereótipos propagados pelos contos clássicos, e desenvolvessem o pensamento crítico, capacidade fundamental para uma leitura de mundo consciente. O estudo destaca a importância da literatura infantil como ferramenta pedagógica para expandir a compreensão das crianças sobre representações simbólicas, ampliando sua criticidade e conhecimento do mundo.

**Palavras-chave:** literatura infantil; Os Três Porquinhos; formação de leitores; releitura de contos maravilhosos; lobo.

## 1 INTRODUÇÃO

Os contos de fadas e maravilhosos são textos que fazem parte das infâncias há séculos. As crianças, desde muito pequenas, são envolvidas por essas narrativas, por meio das quais incorporam valores fundamentais para o seu desenvolvimento emocional e social. Nascidos da cultura oral e popular, os contos de fadas e maravilhosos passaram para a forma escrita

---

<sup>1</sup> Licencianda em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul-Campus Bento Gonçalves.

<sup>2</sup> Doutora em Letras. Docente da área de Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul-Campus Bento Gonçalves.

somente a partir do final do século XVII (Lajolo; Zilberman, 2007). Ao longo do tempo, foram reescritos, ganhando novas versões que refletiram as mudanças sociais de cada época. Dessa forma, essas histórias puderam ser ressignificadas, oportunizando aos leitores diferentes perspectivas sobre temas e personagens.

As releituras dos contos de fadas possibilitam ao leitor de hoje repensar personagens clássicos sob novo olhar, questionando possíveis estereótipos presentes na narrativa, assim como comportamentos e papéis sociais, tornando as histórias mais próximas da época contemporânea. Ao trazer representações diferentes para personagens já conhecidos, as releituras dos contos estimulam o pensamento crítico nas crianças, convidando-as a formular novas hipóteses e construir novas perspectivas, contribuindo assim para a formação de leitores críticos.

Uma das figuras mais emblemáticas da literatura infantil de todos os tempos é o lobo mau. Ele aparece em fábulas como “O Lobo e o Cordeiro”, “O Lobo e a Ovelha”, além de contos maravilhosos como “Chapeuzinho Vermelho”, “Os Três Porquinhos” e “O Lobo e os Sete Cabritinhos”. Tradicionalmente, o lobo é visto como um símbolo de perigo, um animal feroz com uma força difícil de controlar, que amedronta aqueles que cruzam seu caminho.

Um dos contos mais conhecidos pelas crianças em que o lobo tem papel central é “Os Três Porquinhos”, escrito por Joseph Jacobs no século XIX. Essa história também ganhou várias versões ao longo do tempo e tem sido ressignificada pelos leitores ao redor do mundo. Entre essas releituras está “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”, escrita por Jon Scieszka, ilustrada por Lane Smith e publicada pela editora Companhia das Letrinhas, em 2005. A narrativa é contada em primeira pessoa sob a perspectiva do lobo, que revisita suas memórias para relatar o que, segundo ele, realmente aconteceu no dia em que foi injustiçado pelas circunstâncias e transformado em “lobo mau”. O livro convida o pequeno leitor a refletir sobre como as aparências por vezes podem enganar, ressaltando a importância de evitar julgamentos precipitados sem conhecer todos os lados de uma história.

Pensando na formação de leitores, é importante que a escola apresente às crianças não apenas os contos clássicos, mas também releituras desses contos, a fim de ampliar a compreensão e a interpretação dessas histórias, contribuindo também para o desenvolvimento do pensamento crítico, potencializado pela linguagem literária. Nessa perspectiva, nosso problema de pesquisa é: de que forma o lobo é representado na obra “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”, de Jon Scieszka, e quais interpretações as crianças constroem sobre esse personagem relacionando-o ao conto clássico “Os Três Porquinhos”?

O objetivo geral deste estudo é promover uma reflexão sobre o personagem do lobo na

obra “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”, de Jon Scieszka, a partir de uma sequência didática com alunos do quarto ano do Ensino Fundamental e analisar as percepções construídas a respeito desse personagem. Como objetivos específicos temos: i. compreender como o lobo é representado nos contos clássicos da literatura infantil; ii. analisar os aspectos literários da obra “A Verdadeira História dos Três Porquinhos” em comparação com o conto clássico “Os Três Porquinhos”; iii. elaborar e realizar uma sequência didática com a obra “A Verdadeira História dos Três Porquinhos” para o quarto ano do Ensino Fundamental; e iv. promover uma reflexão em sala de oficina sobre a representação do lobo na obra “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”, despertando a consciência crítica das crianças a partir do contato com a linguagem literária.

O lobo mau, como personagem fictício, é um ser de linguagem, construído a partir de um arranjo especial de palavras, e sua significação pode variar conforme a intencionalidade do escritor, visto que a literatura tem o poder de criar diferentes representações da realidade. Segundo Machado (2002, p. 77), ler uma narrativa literária vai além de simplesmente juntar letras, formar sílabas, compor palavras e decifrar seus significados, é um portal para outro universo, onde o leitor se torna parte da vida de outra pessoa e experimenta ser alguém que ele não é. Para a autora, os contos populares são: “uma manifestação artística por meio das palavras. Uma forma de produção cultural que tem seu próprio sentido, lentamente elaborado pelos diferentes elementos da narrativa, à medida que a história se desenrola e se encaminha para seu final, consolidando seu significado profundo.” (Machado, 2002, p. 75).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) evidencia a importância da literatura infantil para a formação das crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Com base nas competências específicas de Língua Portuguesa, a criança precisa:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (Brasil, 2018, p. 87).

Nesse sentido, é fundamental que as crianças tenham acesso a diferentes versões de uma mesma história, o que lhes permite construir interpretações próprias a partir de suas experiências. Ao serem apresentadas a diferentes perspectivas de um mesmo fato, ampliam também a sua visão de mundo.

O estudo está organizado em uma parte teórica que discorre sobre a importância da literatura infantil para a formação de leitores e, conseqüentemente, de sujeitos mais críticos e reflexivos sobre o mundo. Aborda a representação simbólica da figura do lobo nos contos

infantis clássicos e, após, apresenta uma análise literária da obra “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”. Em seguida, descreve a metodologia utilizada para a pesquisa, a análise dos dados coletados e as considerações finais.

## **2 VELHAS HISTÓRIAS, NOVOS SIGNIFICADOS**

A literatura infantil, enquanto forma de arte, possibilita à criança construir uma identidade pessoal sólida por meio das experiências vividas pelos personagens das histórias. As narrativas infantis estimulam a criança a experienciar junto com os personagens, de forma imaginária, diferentes situações, muitas vezes desafiadoras, levando-as a questionar sobre os acontecimentos ao seu redor.

Segundo Coelho (2000, p. 15), a literatura para crianças "tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação", sendo o livro infantil essencial na construção da consciência de mundo das crianças, pois pode proporcionar experiências significativas que promovem a reflexão, preparando-as para os desafios da vida.

A literatura infantil incorpora o universo emocional da criança ao texto, ela “traduz para o leitor a realidade dele, mesmo a mais íntima, fazendo uso de uma simbologia que [...] é assimilada pela sensibilidade da criança” (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 19). Esse aspecto permite que a literatura infantil alcance um papel transformador, ajudando as crianças a entender e a se conectar com realidades diversas.

Para Pereira (2007, p. 6), "a literatura nas séries iniciais é importante, primeiramente por inserir a criança no mundo simbólico, onde muitas vezes ela se coloca no lugar dos personagens e com eles vivencia diversas situações e sentimentos". Nesse sentido, a literatura infantil auxilia a criança a desenvolver uma compreensão mais clara de si mesma e do papel que ocupa no mundo em que vive.

O sistema simbólico fornece as formas de organização do real, essenciais nos processos de interação entre os sujeitos, por meio da linguagem. Neste contexto, a linguagem é entendida como produção humana, construída historicamente nas relações sociais. Dessa forma, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, um fenômeno ideológico: “só a partir do contato com o outro, conhecendo-o, é que se pode conhecer a si mesmo e, a partir daí, construir a identidade” (Hentz, 2007, p. 3). Se tomarmos a literatura como uma forma de linguagem, podemos dizer que a leitura do texto literário também é uma forma de interação social, pois estabelece uma comunicação entre o autor da

obra e os leitores, entre o mediador e os leitores, e entre os próprios leitores, que, interagindo entre si, compartilham suas percepções e interpretações sobre o texto.

Vygotsky (1896-1934), reconhecido como um dos principais teóricos interacionistas que estudaram as funções psicológicas dos indivíduos, destaca a ação da criança como fator transformador em suas relações com os conteúdos estudados, afirmando que essas interações são constitutivas de sua inteligência e contribuem para a formação de sua personalidade. Para o autor, aquilo que parece individual em uma pessoa, na verdade, é resultado da construção de sua relação com o outro, no coletivo, que está ligado à cultura. Dessa forma, as características individuais estão profundamente marcadas pelas trocas com o outro. É na cultura dos seus valores, na negociação dos sentidos, que o conhecimento é construído e internalizado (Netto; Costa, 2017, p. 222).

Seguindo as ideias de Vygotsky, Hentz (2007) postula que a interação humana, por meio da linguagem, constitui o espaço no qual se estabelecem as relações sociais, em que um sujeito age sobre o outro, transformando-o de alguma forma pela ação de sua linguagem, enquanto também é transformado pela linguagem do outro. Isso significa que a construção da subjetividade tem origem primeiramente na ação do outro. É a partir dessa relação que o ser humano se desenvolve tornando-se sujeito. Ela é uma construção que cada indivíduo realiza por meio das interações estabelecidas no coletivo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao enfatizar a importância da literatura infantil, reconhece o papel desse gênero textual na formação de leitores críticos. As habilidades da Língua Portuguesa estão organizadas em cinco campos de atuação, dentre eles o campo artístico-literário, que abrange a participação da criança em situações de leitura e fruição de textos literários. Dentre as habilidades específicas desse campo, destaca-se a EF15LP15, que propõe: "reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade" (Brasil, 2018, p. 97).

Os textos literários, portanto, enriquecem o repertório cultural dos estudantes, favorecendo o desenvolvimento do imaginário ao proporcionar momentos de reflexão de forma lúdica, abordando questões sociais de maneira sensível, como só a literatura infantil é capaz de fazer. Como destaca Abramovich (2006, p. 143), "ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião".

Desse modo, a releitura dos contos maravilhosos nos anos iniciais do Ensino

Fundamental torna-se uma proposta interessante para a formação de pequenos leitores, principalmente por possibilitar aos alunos a liberdade de vivenciar outras experiências, já que as novas histórias apresentam o reposicionamento de personagens conhecidos em situações que acenam para novos ajustes da sociedade (Martins; Souza; Graziolli, 2023, p. 1).

A releitura de uma história já conhecida convida o leitor a questionar verdades que antes pareciam incontestáveis, pois, ao modificar o ponto de vista narrativo, pode revelar detalhes antes despercebidos, tornando os personagens mais complexos, em que o bem e o mal nem sempre são absolutos. Um exemplo dessa possibilidade nas releituras de obras literárias é explorar personagens emblemáticos, como o lobo mau dos contos clássicos, que ganham versões em que se tornam protagonistas, sendo apresentados de uma forma mais humanizada e empática. Esse processo estimula o pensamento crítico, pois exige que o leitor analise a história sob um novo ângulo, reflita sobre as motivações do personagem e compreenda que a história pode ser contada a partir de um novo ponto de vista.

A palavra escrita enquanto expressão estético-criativa do real possibilita ao público infantil entender que não é preciso seguir comportamentos ou estereótipos formados a partir do simbólico, mas, sim, que podemos estar presentes na releitura dos papéis sociais enquanto mulheres, crianças e homens e que podemos ler uma história enxergando diversos lados e imaginando outros finais, felizes ou tristes, com príncipes ou princesas reais – ou até mesmo com personagens cotidianos que são convocados ao exercício da magia, algo que perpassa as histórias infantis. (Martins; Souza; Graziolli, 2023, p. 10).

Outro aspecto importante da releitura é que ela abre caminho para a criação de novas histórias, pois ao perceber que um personagem poderia seguir uma direção diferente, o leitor é estimulado a imaginar novas possibilidades, desenvolvendo sua capacidade de argumentação ao justificar determinadas escolhas dentro da narrativa. O pequeno leitor percebe que tem o poder de criar novas versões que dialoguem com sua própria visão de mundo. Para Martins, Souza e Graziolli (2023, p. 10), isso evidencia a relevância da releitura dos contos clássicos que “permite que a criança, enquanto leitora, construa um diálogo com o mundo externo, formulando os questionamentos e imaginando, dando, assim, voz à criança desde o seu processo de formação, desmistificando as relações”.

### **3 O LOBO NA LITERATURA INFANTIL**

Dentro da perspectiva psicanalítica, histórias como “Chapeuzinho Vermelho”, “Os Três Porquinhos”, “O Lobo e os Sete Cabritinhos” exemplificam como os contos maravilhosos oferecem às crianças uma forma de lidar com seus temores internos mais

profundos, proporcionando ferramentas simbólicas para lidar com emoções complexas.

O lobo é uma figura emblemática na literatura infantil, frequentemente representado como vilão em narrativas que exploram o medo. Segundo Bettelheim (2024, p. 95), os contos de fadas oferecem personagens que permitem à criança "exteriorizar sob formas controláveis aquilo que se passa em sua mente". Dessa forma, personagens como o lobo podem simbolizar os medos mais profundos que habitam a criança, sugerindo maneiras de enfrentá-los.

Um exemplo clássico da presença do lobo como símbolo é a história de “Os Três Porquinhos”, em que o personagem ilustra os perigos internos e externos enfrentados ao longo da vida. Bettelheim (2024, p. 64) explica que "a ruindade do lobo é algo que a criança pequena reconhece dentro de si: seu desejo de devorar e sua consequência — a angústia quanto à possibilidade de sofrer ela própria um tal destino". O final da história é emblemático dos contos de fadas e maravilhosos, com o lobo recebendo o castigo que merece e os porquinhos sendo recompensados por seus esforços. Esse desfecho permite à criança processar seus medos e enxergar a possibilidade de superá-los, reforçando a ideia de que o enfrentamento dos desafios traz crescimento pessoal.

Além disso, como Bettelheim (2024, p. 65) afirma, “Os Três Porquinhos orienta a reflexão da criança sobre o seu próprio desenvolvimento sem nunca dizer como este deveria se dar”, oferecendo à criança a liberdade de interpretar e internalizar as lições conforme sua própria perspectiva. Portanto, o lobo exemplifica esse processo de enfrentamento de suas próprias projeções, pois também é o catalisador para o amadurecimento, ensinando às crianças como superar adversidades, consolidando-se como um personagem central para o desenvolvimento psicológico.

Segundo Brenman e Pondé (2023, p. 68), "as histórias de medo trabalham com o terror interno da criança" e ajudam-na a lidar com seus temores, proporcionando um espaço seguro e controlado para explorar emoções difíceis. Além disso, o medo retratado nessas histórias também incentiva a união, fundamental para enfrentar desafios na vida real.

Brenman e Pondé (2023, p. 72) reforçam que "uma boa história pode falar de coisas muito importantes de forma segura, acolhedora e que não conseguiríamos dizer de outra forma", ressaltando o papel essencial dos contos no desenvolvimento infantil. Segundo os autores, os contos antigos podem conviver com versões modernas, desde que estas também sejam bem escritas e proporcionem um diálogo enriquecedor entre o passado e o presente.

Bettelheim (2024, p. 12) corrobora essa visão ao afirmar que:

Ao longo dos séculos (quando não de milênios) durante os quais os contos de fadas, ao serem recontados, foram se tornando cada vez mais refinados, eles passaram a

transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e latentes - passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de uma maneira que atinge a mente ineducada da criança tanto quanto a do adulto sofisticado.

Independentemente da abordagem, o impacto da literatura de qualidade na infância é profundo. Brenman e Pondé (2023, p. 103) afirmam que a literatura "possibilita um mergulho dentro da nossa própria humanidade", oferecendo às crianças não apenas diversão, mas também ferramentas para compreender a si mesmas e o mundo ao seu redor. Assim, histórias como as dos lobos nos contos e recontos continuam a ocupar um lugar especial, ajudando as crianças a navegar pelos desafios internos e externos com coragem e criatividade.

Conforme Bettelheim (2024, p. 21) argumenta, a criança tem a oportunidade de revisitar a mesma obra literária sempre que se sente pronta para reinterpretá-la com um novo olhar, ela “extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento”. Esse processo é uma característica marcante da arte, que não se esgota em uma única interpretação, mas permanece viva, sendo capaz de acompanhar o desenvolvimento da criança ao longo de sua jornada.

#### **4 ANÁLISE DA OBRA “A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS TRÊS PORQUINHOS”**

Uma análise literária da obra “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”, de Jon Scieszka, com ilustrações de Lane Smith, destaca elementos que tornam esta obra atrativa para o público infantil. Publicado pela Companhia das Letrinhas em 2005, com 32 páginas, o livro oferece uma releitura do clássico conto “Os Três Porquinhos”, narrado do ponto de vista do lobo, ou seja, em primeira pessoa. Na narrativa, o lobo conta como, na versão clássica da história, foi injustiçado e transformado em vilão, tudo por causa de uma xícara de açúcar que ele precisava para fazer um bolo a sua querida e amada vovó.

De acordo com os estágios psicológicos do leitor categorizados por Coelho (2000), o livro “A Verdadeira História dos Três Porquinhos” é voltado para crianças a partir de 8 ou 9 anos, um leitor em processo, que se beneficia de histórias com linguagem acessível. Nas obras destinadas a esse público, o texto é escrito em frases simples, com estrutura direta e de comunicação imediata e objetiva. A narrativa gira em torno de uma situação central, um fato bem definido, que é resolvido até o final. A efabulação, concatenação dos momentos narrativos, segue uma estrutura linear: início, meio e fim. Além disso, o humor, a graça e as situações inesperadas atraem os leitores dessa faixa etária, sendo que o equilíbrio entre realismo e o imaginário também despertam grande interesse nesse público. A presença do

adulto ainda é importante, tanto como estímulo à leitura quanto como mediador das possíveis dificuldades encontradas pelas crianças, explorando camadas mais profundas do enredo.

A capa do livro exibe uma paleta de cores com tons terrosos que preenchem o fundo, como se a textura fosse de um jornal antigo, desgastado pelo tempo. Esse detalhe sugere, sutilmente, uma atmosfera de nostalgia, quase como se o leitor estivesse prestes a abrir um livro de histórias já contadas, mas ainda cheias de mistério. É um convite para mergulhar em um passado encoberto por camadas. No centro da capa, o lobo surge com uma presença marcante, indicando de imediato que ele será o protagonista da história.

O título, “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”, é claramente visível e ocupa uma posição de destaque, atraindo a atenção do leitor. A escrita, grande e chamativa, é eficaz para comunicar que se trata de uma versão inusitada do conto clássico. A palavra “verdadeira” no título sugere uma perspectiva diferente e aguça a curiosidade do leitor, convidando-o a abrir o livro e explorar o que há de novo e surpreendente nessa versão da história.

O formato quadrado do livro lembra os contos clássicos, ajudando o leitor a se conectar com essas histórias tradicionais, entretanto, as ilustrações são o maior atrativo da capa. A mão de um porquinho segurando o jornal "O Diário do Lobo" chama imediatamente a atenção. A figura do lobo, de óculos, terno e gravata, bufando enquanto derruba dois porquinhos, traz um tom humorístico e irreverente à capa, deixando claro que a história será uma paródia do clássico. Essa inversão de papéis, onde o lobo não é mais a figura ameaçadora, mas um personagem quase humano, é um elemento de grande apelo para o público infantil. Os porquinhos, caindo de pernas para o ar, são representações que reforçam a ideia de que a história será cheia de ação.

Na parte inferior da ilustração, o nome do autor, Jon Scieszka, e o da ilustradora, Lane Smith, são integrados ao *design* do jornal. Essa abordagem criativa reforça a ideia de que a história é uma notícia e faz com que as informações sobre autoria e ilustração pareçam parte do conteúdo da capa, sem sobrecarregar o visual. Além disso, o nome da editora, Companhia das Letrinhas, parece como um carimbo, o que reforça ainda mais a estética de um jornal antigo, mantendo ao mesmo tempo, a identidade infantil do livro.

Além disso, o estilo jornalístico da narrativa coloca o leitor em uma posição de investigador, alguém que precisa analisar as entrelinhas e investigar a veracidade dos fatos apresentados. Ao passar as páginas, o leitor não é mais apenas um espectador, ele se torna participante, desvendando o mistério em torno da história dos três porquinhos.

Na contracapa do livro, aparecem letrinhas bem pequenas como se fossem várias notícias de jornais recortadas, formando uma colagem. No centro estão os três tipos de casas

dos três porquinhos, A de palha, B de madeira e C de tijolo, escrito embaixo “os cenários dos crimes”.

Figura 1 - Capa e contracapa do livro “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”



Fonte: Scieszka (2005).

O texto escrito com letras arredondadas, com a fonte Times New Roman, fica espalhado nos cantos das páginas, aparecendo em diferentes posições, às vezes em cima, outras nas laterais ou embaixo. Isso torna a leitura mais interessante, guiando os olhos do leitor pela página de forma mais livre. Algumas letras iniciais das palavras têm desenhos que combinam com a história, dando um toque divertido, o que chama a atenção do leitor logo no começo do parágrafo, fazendo com que ele se sinta entrando na narrativa.

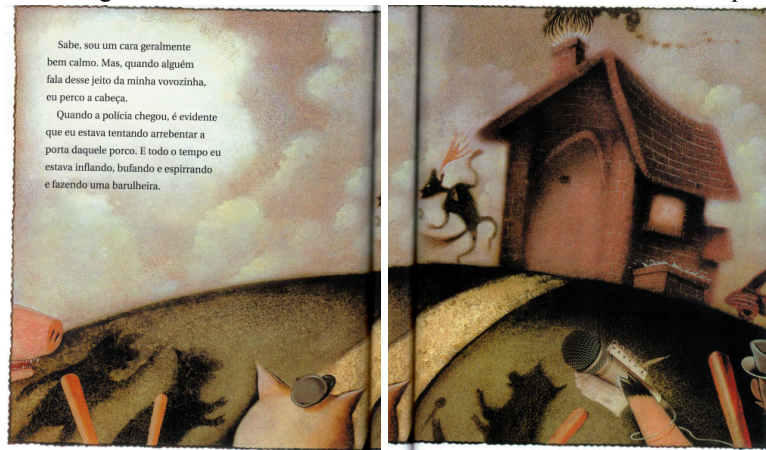
As ilustrações são predominantemente em tons terrosos, trazendo uma atmosfera de nostalgia. O uso desse esquema de cores sugere que estamos revivendo a história do lobo, não em um relato ao vivo, mas como uma lembrança que ele revisita. Esse efeito se intensifica pelo aspecto queimado nas bordas das imagens, que dão uma textura de fotografias antigas ou de lembranças desbotadas. Além disso, as ilustrações se integram ao texto, representando visualmente os pensamentos e as memórias do lobo, que são exibidos como flashes do passado. Esse estilo conecta o leitor à perspectiva do personagem, trazendo à tona sua versão dos fatos.

As ilustrações referenciam outros contos clássicos em que o lobo estava presente. Na casa dele, por exemplo, há um retrato da avó do lobo, vestida como a avó de Chapeuzinho Vermelho, usando touca, óculos e coberta por um manto vermelho, o que sugere que a avó do lobo foi quem interpretou o papel do lobo em Chapeuzinho Vermelho.

Os porquinhos, frequentemente vistos como vítimas, são mostrados com expressões severas, subvertendo expectativas e criando um contraste marcante com a vulnerabilidade do lobo, que aparece resfriado e pedindo ajuda. Esse contraste visual entre os porquinhos e o

lobo, os primeiros como policiais e jornalistas malvados, e o lobo como alguém injustiçado, sugere uma inversão de papéis. A imagem dos policiais e jornalistas porcos, cujas sombras seguram cassetetes e microfones, cria uma cena de julgamento parcial, onde o lobo nunca terá uma chance de ser ouvido, aludindo a preconceitos que moldam julgamentos. No final, ao mostrar o lobo com barba branca na prisão sob a vigilância de um porco com cara de mau, a ilustração reflete o veredicto injusto e aprofunda o sentimento de marginalização do protagonista.

Figura 2 - Páginas 28 e 29 do livro “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”



Fonte: Scieszka (2005).

A história é narrada em primeira pessoa pelo próprio lobo. Ele descreve seu dia justificando as circunstâncias que o levaram a interagir com os porquinhos e, finalmente, a ser preso. No enredo, o lobo, resfriado, sai em busca de açúcar para fazer um bolo para o aniversário da avó. Durante sua busca, ele acaba indo até as casas dos três porquinhos que são seus vizinhos mais próximos, onde seus espirros acidentais acabam derrubando as construções frágeis e levando-o, por consequência, a comer dois dos porquinhos. Ao chegar à casa do terceiro porquinho é preso em flagrante tentando derrubar a casa através de bufos.

O desfecho do livro apresenta um tom reflexivo, mostrando que o lobo se considera vítima de uma armação. Após ser preso, o protagonista revela que sua versão dos acontecimentos foi distorcida para criar uma narrativa sensacionalista. Em suas palavras: “E acharam que a história de um sujeito doente pedindo açúcar emprestado não era muito emocionante. Então enfeitaram e exageraram a história com todo aquele negócio de ‘bufar, assoprar e derrubar sua casa’. E fizeram de mim o Lobo Mau.” (Scieszka, 2005, p. 31). Esse final destaca como as aparências podem enganar, reforçando a ideia de que as histórias são moldadas de acordo com o ponto de vista de quem as conta.

A linguagem do livro é descontraída, com o lobo estabelecendo um diálogo direto com o leitor. Ele se defende com humor e persuasão, tentando convencer o leitor de que foi mal interpretado e injustamente julgado. O tom coloquial, as comparações: “Imagine o porquinho como se ele fosse um grande cheeseburger dando sopa.” (Scieszka, 2005, p. 19) e outras figuras de linguagem como o eufemismo nas falas: “Mortinho da silva” (Scieszka, 2005, p. 18) ou “Seria um desperdício deixar um presunto em excelente estado no meio daquela palha toda” (Scieszka, 2005, p. 19) ajudam o lobo a apresentar sua perspectiva de forma que o leitor possa se identificar. Assim, sugere que, no lugar dele, qualquer um teria agido da mesma forma, exercitando a empatia do leitor.

Ao longo da narrativa, o lobo usa a estrutura de uma conversa direta, falando informalmente com o leitor para tornar sua história mais convincente: “Eu sou o lobo. Alexandre T. Lobo. Pode me chamar de Alex.” (Scieszka, 2005, p. 6). Esse estilo busca criar uma sensação de intimidade e cumplicidade com o leitor, levando-o a acreditar na versão do lobo.

A pergunta final aliada à ilustração possibilita que o leitor reflita se acredita ou não na versão contada. Esse efeito é alcançado por meio da linguagem plurissignificativa, que joga com o conceito de certo e errado.

Figura 3 - Página 32 do livro “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”



Mas talvez você possa me emprestar uma xícara de açúcar.

Fonte: Scieszka (2005).

A intenção do autor parece ser mais do que apenas divertir. Ao recontar uma história clássica por uma nova perspectiva, o autor leva o leitor a questionar julgamentos precipitados e a refletir sobre o valor da empatia e da escuta. Ao final, a pergunta do lobo estimula o leitor a decidir se ele realmente foi mal compreendido, sugerindo que todos têm sua própria versão dos fatos e que é interessante considerar várias perspectivas. Assim, a obra provoca uma

conscientização sobre empatia, justiça e a importância de buscar compreender os outros antes de julgar.

## 5 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta investigação, de cunho exploratório, tem caráter qualitativo e utilizou como metodologia a pesquisa participante, desenvolvida com o intuito de beneficiar tanto o pesquisador quanto os demais sujeitos da pesquisa, que terão a oportunidade de construir novos conhecimentos em conjunto. A pesquisa participante não impõe saberes, mas os cria coletivamente, promovendo uma construção colaborativa do conhecimento.

De acordo com Gil (2002), a pesquisa participante ocorre a partir da interação entre o pesquisador e os membros da situação investigada. Um dos primeiros passos para a implementação de uma pesquisa participante é compreender o *lócus* da pesquisa, isso quer dizer, conhecer o contexto sociocultural dos indivíduos envolvidos. Essa observação do mundo vivido pela comunidade implica entender, sob uma perspectiva interna, o ponto de vista dos sujeitos acerca das situações que experienciam. Portanto, os pesquisadores devem priorizar técnicas qualitativas de coleta de dados, adotando uma atitude de escuta empática. Isso pode envolver a convivência com a população, compartilhando sua rotina.

O *lócus* da pesquisa foi uma Organização da Sociedade Civil (OSC), localizada no município de Carlos Barbosa/RS, onde a pesquisadora atua como educadora social. A OSC existe desde 1996 e tem como objetivo proteger crianças e adolescentes de situações de vulnerabilidade, facilitando o desenvolvimento integral e ampliando habilidades fundamentais. Mais de 500 crianças e adolescentes são atendidos no contraturno escolar por meio de oficinas culturais, esportivas, pedagógicas e ambientais.

O universo da pesquisa foi composto por 13 crianças com idade entre 9 e 10 anos que frequentam a OSC no contraturno escolar, correspondendo ao quarto ano do Ensino Fundamental. Além disso, vale ressaltar que as crianças que participaram da pesquisa se inscreveram no início do ano letivo por escolha própria em uma oficina voltada para a literatura infantil, que oferta a contação de histórias como parte de sua ementa. A gerente administrativa da instituição bem como os pais e/ou responsáveis das crianças assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dando ciência da realização da atividade.

Os dados foram coletados a partir do desenvolvimento de uma sequência didática que promoveu uma reflexão em sala de oficina sobre a representação do lobo na obra “A Verdadeira

História dos Três Porquinhos”, de Jon Scieszka, em contraponto com o clássico “Os Três Porquinhos”, de Joseph Jacobs, com o intuito de despertar a consciência crítica dos alunos a partir do contato com a linguagem literária. Diante disso, os dados foram coletados em forma de diário de campo, em que foram registradas as observações e as manifestações orais dos sujeitos da pesquisa, além de registro fotográfico das atividades por eles desenvolvidas.

Buscou-se coletar não apenas as falas das crianças, mas também outras formas de expressão que revelassem suas interpretações do texto literário, como produções escritas, desenhos e demais manifestações sobre a história. De acordo com Gil (2002), a pesquisa participante busca ir além das representações cotidianas atribuídas ao problema de pesquisa, mas propõe o questionamento dessas representações. Nessa perspectiva, ao propor uma releitura de um conto já bastante conhecido pelas crianças, a investigação possibilitou uma compreensão mais profunda dos significados construídos a partir do texto literário.

A sequência didática (Apêndice 1), composta por três aulas de 1 hora e 30 minutos, foi realizada no mês de março de 2025. No primeiro dia da sequência didática, as crianças contaram quem apresentou a história dos Três Porquinhos a elas pela primeira vez, compartilhando de forma resumida o que lembravam do conto. Com base nessas memórias, foram incentivadas a atribuir características aos personagens principais, o lobo e os porquinhos. Elas puderam conhecer o escritor Joseph Jacobs, responsável pela criação da história, por meio de uma fotografia em preto e branco. As crianças escutaram essa primeira versão do conto, disponível no livro "Contos de Fadas", de Ana Maria Machado<sup>3</sup>, observando as diferenças em relação à história que lembravam. A partir disso, elas foram estimuladas a representar com desenhos os dois personagens principais, escrevendo ao lado as características que atribuíam a cada um.

No segundo dia da sequência didática, as crianças conheceram o livro “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”, escrito por Jon Scieszka. Elas exploraram o título da obra a partir de perguntas como “o que significa a palavra verdadeira?”, “será que é uma versão diferente?”, “esta é a história real dos três porquinhos?”. Em seguida, analisaram a capa do livro por meio de questionamentos como “com o que essa capa se parece?”, “qual é o nome do jornal estampado?”, “por que está assinado como A. Lobo?”, “tudo que sai em um jornal é verdade?”. Logo depois, investigaram a contracapa da obra com base em perguntas como “por que foi usada a palavra crimes?”, “o que aconteceu que pode ser considerado crime?”, “quem cometeu esses supostos crimes?”, “será que tinha um motivo para isso?”. Já familiarizadas, as

---

<sup>3</sup> MACHADO, Ana Maria. **Contos de Fadas**: de Perrault, Grimm, Andersen e outros. Edição bolso de luxo: Clássicos Zahar, 2010.

crianças acompanharam a contação da história prestando atenção aos detalhes e, ao final, compartilharam suas percepções a partir de perguntas como “quem está narrando essa versão da história?”, “já tinham pensado no ponto de vista do lobo?”, “por que é importante ouvir os dois lados?”, “vocês emprestariam uma xícara de açúcar para o lobo?”.

Ademais, as crianças exploraram as ilustrações do livro, refletindo sobre o que cada uma poderia simbolizar para elas, como o porta-retrato da vovozinha do lobo, as partes de outros animais no bolo, os gravetos formando talheres, os policiais representados como porcos e o lobo com barba branca na prisão. Também discutiram sobre justiça por meio de questionamentos como “o que acontece quando há suspeitas de que alguém cometeu um crime?”, “como essa pessoa pode ser julgada de forma justa?”, “qual o local onde isso pode acontecer?”. Assim, ao final da discussão, foi proposta a realização de um tribunal, no qual as crianças foram organizadas por sorteio em dois grupos, um responsável por representar o lobo, e o outro, os porquinhos. Cada grupo teve a tarefa de construir perguntas com base no texto literário, visando defender o seu personagem.

No terceiro dia da sequência didática, as crianças reuniram-se em seus grupos para relembra a história, a fim de fundamentar seus argumentos no texto literário. Em seguida, construíram juntas os combinados para garantir um tribunal respeitoso. Foi esclarecido que a educadora atuaria como juíza, responsável por dar o veredito, isto é, se o lobo seria declarado culpado ou inocente. Por meio de sorteio, definiu-se qual grupo iniciaria o tribunal com as perguntas. Ao final do tribunal, as crianças refletiram sobre o poder da linguagem literária, discutindo sobre como o ponto de vista de quem está contando a história pode influenciar as nossas percepções enquanto leitores.

## **6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

A primeira aula começou com uma conversa com a turma sobre o conto clássico “Os Três Porquinhos”, na qual todas as crianças mencionaram que já conheciam a história por meio de familiares, como mãe, pai, avó, dinda, que lhes contaram ainda quando eram pequenos. As crianças reproduziram oralmente a história com pequenas variações.

Após as crianças relembra a história, o quadro da sala de oficina foi dividido ao meio entre “porquinhos” e “lobo”, para que elas atribuíssem características aos personagens. Para os porquinhos, as características que mais surgiram foram: “inteligentes”, “brincalhões”, “preguiçosos”, “ansiosos”, “gordinhos”, “fofinhos”, “atrapalhados” e “bons”. Já para o lobo elas falaram: “mau”, “comilão”, “guloso”, “assustador”, “ameaçador”, “fedido”, “chato” e

“feito”. Essa percepção do lobo como um personagem mau dialoga com a interpretação de Bettelheim (2024, p. 64), na qual o lobo simboliza um animal ruim com potencial de destruição.

Ao serem questionadas se sabiam quem tinha escrito a história “Os Três Porquinhos”, todas responderam que não. Apresentou-se então o autor australiano Joseph Jacobs, seu ano de nascimento e uma foto dele. Nesse momento, uma criança quis fazer a conta no quadro para descobrir há quantos anos o autor havia nascido (171 anos). Ao observarem a foto, algumas crianças disseram: “*ele tem cara de escritor*” (B)<sup>4</sup>; “*ele tem cara de antigo*” (L). As crianças também foram questionadas se sabiam o porquê da foto estar em preto e branco: “*porque naquela época todas as fotos eram em preto e branco*” (L). Então, foi conversado sobre o fato dessa história ter sido escrita há bastante tempo e ter passado de geração em geração também de forma oral.

Na contação da história, as crianças foram convidadas a prestarem atenção nas possíveis diferenças em relação às versões que conheciam. A turma apontou algumas, como: “*o lobo comeu os dois primeiros porquinhos*” (S); “*o terceiro porquinho come o lobo*” (B); “*eles foram passear várias vezes, mas em todas o mais velho enganou o lobo*” (A); “*o lobo queria enrolar o porquinho com esses passeios*” (S). Também chegaram à conclusão de que o lobo tenta criar situações para o terceiro porquinho sair de casa, pois assim não estará mais protegido. Apontaram que gostaram muito da história e que o final era diferente do que conheciam, o que lhes chamou a atenção: “*eu gostei mais dessa versão*” (N). Além disso, debateram se era certo ou errado o porquinho ter comido o lobo: “*o porquinho teve motivos para comer ele, porque o lobo comeu os irmãos dele*” (S).

Foi possível analisar, neste primeiro momento da sequência didática, que as crianças perceberam o lobo como uma figura malvada, cuja crueldade vinha do prazer em intimidar os outros animais, utilizando sua força para impor medo, sem demonstrar qualquer solidariedade diante da fragilidade alheia. Além disso, identificaram que o lobo recorria à mentira para enganar os outros em benefício próprio, e que esse comportamento, de acordo com as crianças, se devia à falta de uma boa educação familiar, o que o tornava um personagem “*sem futuro*” (L), que precisava usar os outros para ser alguém na vida (Anexo 1).

A segunda aula começou com a exploração da obra “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”, iniciando pela capa. As crianças mencionaram que a capa lembrava um jornal que trazia uma notícia sobre o lobo, e que um porquinho estaria lendo esse jornal interessado

---

<sup>4</sup> Para preservar a identidade dos participantes, os sujeitos da pesquisa serão identificados por uma letra do alfabeto.

em saber onde o lobo se encontrava: *“ele quer saber onde o lobo vai estar, pra não ser comido”* (I). Também destacaram que a palavra “verdadeira” no título indicava que se tratava de uma história verídica: *“é a história real, as pessoas não deram uma incrementada”* (L). Além disso, comentaram que o lobo cometeu crimes de assassinato, termo utilizado pela turma, e que a motivação devia ser por ele estar com fome: *“o lobo não queria comer a comida da mãe dele, porque os porquinhos eram mais gostosos”* (N), *“o lobo era muito comilão, queria comer os porquinhos, os três assados”* (A).

Durante a contação da história, as crianças foram fazendo alguns comentários, como: *“meu Deus, mas esse porquinho não ouve? só pode que ele é surdo”* (G), no momento em que o primeiro porquinho não abre a porta para o lobo; *“bem feito, ninguém mandou construir uma casa de palha”* (L), quando o primeiro porquinho aparece morto no meio da palha; *“nossa, mas é grosso esse porquinho, o lobo só queria uma xicrinha de açúcar”* (B), no instante em que o segundo porquinho manda o lobo ir embora; *“se o lobo falasse a verdade pros policiais, eles ainda iam acreditar no porquinho, porque eles também são porcos”* (A), quando os policiais porcos aparecem para prender o lobo; *“ele foi vítima de um golpe”* (I), no momento em que o lobo conta que foi uma armação.

Essas falas evidenciam a indignação das crianças diante das atitudes dos porquinhos em relação ao lobo. Para elas, não há justificativa para tratar o lobo de forma tão negativa, uma vez que ele se aproximou com boas intenções. As crianças questionam a falta de escuta e de empatia por parte dos porquinhos, que ignoraram o lobo ou foram grosseiros com ele, sem sequer saber o que desejava. Assim, o lobo é percebido como injustiçado, reforçando a ideia de que foi julgado apenas por sua aparência ou reputação, sem ter a chance de se explicar.

Quando as crianças foram convidadas a compartilhar suas percepções sobre a história, mencionaram que nunca tinham pensado na versão do lobo, que era importante ouvir os dois lados: *“porque, às vezes, a gente não sabe de um detalhe importante, tipo, falaram que o lobo era mau porque o resto da cidade era só de porcos, daí todo mundo só acredita nos porquinhos, em vez de considerar os dois lados. No fim, ele acaba preso por algo que só queria fazer pela sua vovozinha”* (L). Percebe-se também o afeto que os netos têm para com os avós e a importância deles na família. Algumas afirmaram categoricamente que emprestariam uma xícara de açúcar para ele: *“sim, porque ele tá pedindo com educação, carinho, gentileza”* (A); *“é claro né, é para a vovozinha, as avós são muito importantes”* (L); *“sim, porque o lobo não era mau, eu emprestaria 1kg de açúcar pra ele”* (B).

Ao analisar as ilustrações, as crianças mencionaram que o lobo estava revisitando suas memórias ao contar a história da cadeia já em idade avançada (Anexo 2). Também,

justificaram a presença de partes de outros animais em suas receitas por ele ser carnívoro, o que faz parte de sua alimentação: *“é que o lobo é carnívoro, ele come outros animais”* (N). Além disso, criaram hipóteses sobre o terceiro porquinho, que teria “armado” para o lobo, algumas disseram: *“parece aquele policial, é quase igual”* (B), *“ele é o chefe da máfia”* (I). Ainda, comentaram que o terceiro porquinho tinha uma expressão malvada, uma delas chegou a apelidá-lo de “porcomônio”, explicando: *“parece aquele bicho vermelho que tem o rabo pontiagudo e usa dois chifres”* (I).

Ademais, as crianças se colocaram no lugar do lobo no trecho em que o terceiro porquinho mandou sua vovozinha “ir às favas”. Muitos não sabiam o significado da expressão, mas mesmo assim reagiram ao modo como a avó foi tratada. Isso ficou evidente quando assumiram a fala em primeira pessoa, como se fossem o próprio lobo: *“não fala assim da minha vó, é falta de educação, vou te dedurar pra polícia”* (I), *“não fala assim da minha vó, senão eu vou te denunciar pra fábrica de bacon”* (S). Assim, o gesto do lobo ao preparar um bolo para sua vovó foi marcante para a turma, pois desconstruiu a imagem de “lobo mau”. Esse ato de carinho impressionou as crianças, revelando um lado mais humano e sensível do personagem. Elas ampliaram sua compreensão sobre o personagem como alguém também capaz de amar e cuidar.

É possível analisar, neste segundo momento da sequência didática, que as crianças mudaram suas percepções sobre os personagens. Agora, o lobo é visto como uma figura inocente, injustiçado pelas circunstâncias, enquanto os porquinhos são considerados vilões que tramaram contra o lobo e, em nenhum momento, deram a ele a oportunidade de se defender. As crianças perceberam ainda que, no dia em que tudo aconteceu, o lobo estava doente e fraco, e que os porquinhos aproveitaram esse momento de vulnerabilidade para prendê-lo pelo resto da vida: *“ele ficou tanto tempo na cadeia que ficou velhinho, mas ainda não desistiu de pedir açúcar para fazer um bolo pra sua vovozinha”* (G).

Ao acreditarem na versão do lobo apresentada em “A Verdadeira História dos Três Porquinhos” e chegarem à conclusão de que o lobo foi vítima de uma emboscada armada pelos porcos, as crianças foram provocadas a refletirem sobre como o lobo poderia ser julgado de forma justa aqui no Brasil. Nesse momento mencionaram que isso ocorreria em um tribunal, onde ambos os lados seriam escutados. Foi proposto à turma então que se realizasse um tribunal e, para uma melhor organização da atividade, as crianças, separadas em dois grupos, elaboraram perguntas para defender o personagem que representariam, os porquinhos ou o lobo (Apêndice 2).

A terceira aula começou com alguns combinados com a turma para garantir que o tribunal ocorresse de forma respeitosa. Em seguida, foi realizado um sorteio para definir quem faria as perguntas primeiro, sendo a defesa dos porquinhos a escolhida (Anexo 3). O grupo dos porquinhos deu início às perguntas: *“por que você não foi comprar açúcar no mercado?”*. A defesa do lobo respondeu que o personagem não foi porque estava sem dinheiro, sua conta estava no negativo. Explicaram que o banco mais próximo ficava na cidade: *“é muito longe pra ir caminhando, não tenho nem dinheiro pra comprar açúcar, imagina pra ir de ônibus, a pé dói as pernas”* (L). Também disseram que não havia ninguém para levá-lo, pois sua vovozinha estava de aniversário, provavelmente recebendo visitas.

A defesa do lobo deu continuidade às perguntas. À pergunta *“por que vocês não me emprestaram a xícara de açúcar que eu pedi?”*, a defesa dos porquinhos respondeu que não emprestaram porque não tinham mais, alguns admitiram que haviam comido todo o açúcar. Também explicaram que havia um certo receio: *“porque a gente é porquinhos, vocês são lobos, geralmente lobos comem porquinhos”* (F). Declararam que se o lobo tivesse usado uma máscara, não teria espirrado fazendo o açúcar sair voando. A defesa dos lobinhos rebateu dizendo que não tinham como saber de tudo aquilo, já que os porquinhos nem responderam quando eles pediram o açúcar. Afirmaram que a desculpa de que não havia mais açúcar não convencia, porque como o próprio livro revelava *“provavelmente tinham um saco inteirinho”* (Scieszka, 2005, p. 26). Argumentaram sobre a máscara que isso era coisa da pandemia, e que mesmo que quisessem usar, máscaras só se compram na cidade e, como já haviam explicado, não tinham dinheiro nem para pegar o ônibus.

Os porquinhos deram continuidade às perguntas. À pergunta *“por que você só estava espirrando? como você ficou doente?”*, a defesa dos lobinhos respondeu que o tempo mudou de forma repentina, o que facilitou o resfriado. Também disseram que como tomam banho se lambendo, acabaram acumulando bolas de pelo, o que os fez espirrar ainda mais. Além disso, afirmaram que os pelos retêm muita poeira, o que desencadeou uma sequência de espirros que não conseguiram mais controlar.

Os lobinhos deram continuidade às perguntas. À *“por que vocês me julgaram sem antes me conhecer?”*, a defesa dos porquinhos respondeu que julgaram o lobo por estarem com medo: *“porque você matou os nossos irmãos”* (P). Explicaram que sempre acreditaram que todos os lobos comiam porcos. A defesa dos lobinhos rebateu dizendo que não podiam ser culpados pelas mortes dos porquinhos: *“a gente não tem culpa se as casas foram destruídas, os porquinhos já estavam mortinhos da silva do mesmo”* (B). Também argumentaram que ele estava apenas resfriado, os espirros derrubaram as casas sem intenção.

Reforçaram que lobos são carnívoros por natureza: “*lei da sobrevivência, tem carne a gente come*” (S). Acrescentaram que desperdiçar comida é pecado, se eles não comessem, algum outro animal, como o urubu, comeria.

Os porquinhos deram continuidade às perguntas. À pergunta “*por que você quebrou a porta da casa de palha?*”, a defesa dos lobinhos respondeu que o lobo não teve a intenção de quebrá-la. Afirmaram que o primeiro porquinho só pensava em brincar, não se preocupou em construir uma casa resistente: “*o primeiro porquinho fez uma casa de palha, porque só pensava em brincar, aí quando eu bati na porta ela caiu*” (G). Também declararam que tentaram chamar o porquinho, mas ele não atendeu. Mostraram no livro a parte em que o lobo chama: “*porquinho, porquinho, está em casa?*” (Scieszka, 2005, p. 14).

Os lobinhos deram continuidade às perguntas. À pergunta “*por que você mandou a minha vovozinha ir às favas?*”, a defesa dos porquinhos respondeu que mandaram porque estavam revoltados, já que o lobo havia comido os irmãos deles. Explicaram que, por causa disso, se sentiram no direito de agir de forma similar. Afirmaram que eram uma família unida, lutando para proteger os seus. Por fim, confessaram que tinham açúcar, mas não queriam emprestar para o lobo: “*a gente é irmãos e pelo menos temos açúcar*” (F).

Os porquinhos deram continuidade às perguntas. À pergunta “*por que você não pediu açúcar logo quando bateu na porta?*”, a defesa dos lobinhos respondeu que não sabiam que o espirro iria acontecer, o que acabou causando o mal-entendido. Explicaram que, como foram criados pela vovozinha, aprenderam que era falta de educação pedir algo sem antes cumprimentar: “*eu fui educado bem pela minha vovozinha, porque é feio pedir coisas sem nem cumprimentar*” (B).

Os lobinhos deram continuidade às perguntas. À pergunta “*por que vocês inventaram mentiras sobre mim? publicaram no jornal que eu era o lobo mau*” a defesa dos porquinhos respondeu que inventaram as mentiras porque não gostavam do lobo, achavam que ele havia matado os seus irmãos. Explicaram que, como os juízes eram porcos, se o lobo tivesse se mudado para um lugar onde só vivessem lobos, isso não teria acontecido, o que teria evitado o problema: “*por isso, a polícia ficou do nosso lado*” (F). A defesa dos lobinhos rebateu, dizendo que estava tudo errado, pois o lobo havia sido denunciado simplesmente porque os porquinhos não gostavam dele. Por fim, reforçaram que não poderiam ter sido julgados sem que conhecessem o seu lado da história: “*vocês não deixaram a gente se defender, nem quiseram saber o que tinha acontecido*” (B).

Ao final do tribunal, o lobo foi declarado inocente, pois as crianças argumentaram que ele não tinha a intenção de derrubar as casas e comer os porquinhos. O grupo dos lobinhos

comemorou a vitória cantando: "*inocentes, inocentes, inocentes!*". As crianças fizeram uma reflexão destacando como o ponto de vista de quem conta a história pode influenciar nossas percepções: "*quando a gente conheceu a versão do lobo, a nossa opinião mudou*" (L), "*o lobo não matou os porquinhos, eles já estavam mortinhos da silva*" (G), "*é só a alimentação do lobo, ele precisava sobreviver*" (S). Na fila para a turma ir embora, uma criança confessou à outra: "*estava muito difícil defender os porquinhos*" (I).

Com base nos dados coletados, foi possível visualizar e compreender como se estabeleceu a percepção das crianças sobre a figura do lobo na releitura do conto clássico, ao mesmo tempo em que se desenvolveu nelas, na exploração da linguagem literária, a ampliação da visão crítica de mundo. A partir da narrativa construída em primeira pessoa, as crianças acreditaram na versão do lobo, personagem que exerceu grande fascínio sobre elas, desafiando suas certezas e desconstruindo o estereótipo sobre o personagem, visto geralmente como mau e feroz. Também ficou evidente como a realização do tribunal motivou as crianças a prestarem atenção à plurissignificação do texto literário e a buscarem nele os fundamentos para trabalhar na defesa ou na acusação dos seus personagens, mobilizando ainda seus conhecimentos de mundo para construir as argumentações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a linguagem literária pode promover uma transformação significativa na maneira como as crianças se relacionam com os personagens das histórias, como é o caso do emblemático lobo mau. Ao se confrontarem com uma nova versão do conto clássico "Os Três Porquinhos", narrada pelo próprio lobo, as crianças passaram por um processo de ampliação de consciência e ressignificação de conceitos. A narração em primeira pessoa e os artifícios utilizados pelo escritor na construção do personagem, que dialoga diretamente com o leitor, como: "Eu sou o lobo. Alexandre T. Lobo. Pode me chamar de Alex" (Scieszka, 2005, p. 6) e "mas talvez você possa me emprestar uma xícara de açúcar" (Scieszka, 2005, p. 32), criou um ambiente propício para o estabelecimento de uma relação de proximidade e empatia para com o lobo, desconstruindo o estereótipo de maldade e ferocidade construído pelos contos clássicos.

Com isso, as crianças passaram a considerar a possibilidade de que o lobo tenha sido realmente vítima de uma armadilha. A representação construída pelo narrador e reforçada pelas ilustrações sugestivas e, por isso, também portadoras de sentido, apresentando o lobo como um personagem fragilizado e doente e encarcerado em uma prisão constituída por

policiais porquinhos, levou as crianças a refletirem criticamente sobre as versões anteriores do conto clássico. Ao longo da sequência didática elas se tornaram leitoras participantes da narrativa, chegando ao ponto de se identificarem com o personagem e assumirem sua perspectiva, tanto é que em determinado momento do tribunal, as crianças começaram a argumentar utilizando o discurso em primeira pessoa (nós), como se fossem o próprio lobo, para defender o personagem.

A receptividade da história e reação das crianças às provocações do texto literário relaciona-se diretamente com a minha prática durante a pesquisa, no sentido de mediadora entre a obra e os leitores. Ao explorar a potencialidade da obra, construída pela linguagem escrita e pelas ilustrações, foi possível desenvolver nas crianças o senso crítico e uma ampliação da interpretação da história. A prática desenvolvida, dessa forma, corrobora o potencial da literatura para a formação de leitores mais críticos e reflexivos sobre o mundo que os cerca, conforme defendem Coelho (2000), Lajolo e Zilberman (2007), Abramovich (2006), Pereira (2007) e Martins, Souza e Graziolli (2023).

Com a metodologia adotada, também fiz parte da pesquisa como sujeito participante, por meio das interações nas quais refletimos e construímos os saberes de forma colaborativa. Assim, atuando como educadora social em um espaço destinado a crianças em situação de vulnerabilidade, percebi que, quando o lobo foi apresentado de forma mais frágil, elas se solidarizaram com suas dores, demonstrando empatia e revelando atravessamentos significativos. Esse processo de identificação com o personagem foi tão intenso que as crianças se deixaram convencer pelo lobo e, acreditando que ele estava contando a verdade, o defenderam com veemência no tribunal.

Pode-se perceber, a partir da sequência didática desenvolvida, como o trabalho com a literatura é relevante para os estudos na área da Educação, pois a partir do texto literário pode-se contribuir para a formação dos pequenos leitores, favorecendo o desenvolvimento de habilidades como a leitura e a interpretação textual, a escuta por meio do diálogo, a expressão oral baseada na construção de argumentos, importantes para a compreensão do mundo de uma forma mais crítica. Além disso, ao incentivar as crianças para que percebam a existência de múltiplos pontos de vista nas histórias favorece-se a empatia e a disposição para o diálogo e o respeito às diferentes opiniões, qualidades tão importantes para o convívio social. O texto literário é uma forma de interação social que estabelece um diálogo entre autor, mediador e leitores, permitindo a construção compartilhada de sentidos. Segundo Vygotsky (*apud* Hentz, 2007), é por meio da interação com o outro que o indivíduo se transforma, internalizando o conhecimento construído coletivamente.

A plurissignificação presente no texto literário propicia também a leitura de mundo, capacitando os leitores para os diferentes discursos que perpassam as relações sociais. Assim, a literatura pode capacitar as crianças a olhar de forma consciente para os dilemas da vida, interpretando-os com sabedoria a fim de escolherem os melhores caminhos diante dos conflitos e construir diferentes possibilidades para superá-los.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf). Acesso em: 02 dez. 2024.
- BRENNAN, Illan; PONDÉ, Luiz Felipe. **Quem Tem Medo do Lobo Mau? O Impacto do Politicamente Correto na Formação das Crianças**. 3. ed. Campinas/SP: Papirus 7 Mares, 2023.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HENTZ, Maria Izabel de Bortoli. A formação do sujeito: Tecendo uma Compreensão. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1311/1122>. Acesso em: 6 jun. 2025.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- MACHADO, Ana Maria. **Como ler e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MARTINS, Ana Isabelly Abrantes; SOUZA, Abraão Vitorino de; GRAZIOLI, Fabiano Tadeu. **Princesas autênticas, independentes e felizes: releituras dos contos de fadas e a leitura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Pernambuco: Falange Miúda, 2023. Disponível em: <https://periodicos.upe.br/index.php/refami/article/view/718/597>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- NETTO, Arthur Pratto; COSTA, Orlando Santana. A importância da Psicologia da Aprendizagem e suas Teorias para o campo do ensino-aprendizagem. **Revista Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 216-224, 2017. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/4495/3090>. Acesso em: 6 jun.

2025.

PEREIRA, Maria Suely. A Importância da Literatura Infantil nas Séries Iniciais. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 6, n. 1, jun. 2007. Disponível em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/283/189>. Acesso em: 27 nov. 2024.

SCIESZKA, Jon. **A Verdadeira História dos Três Porquinhos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

## APÊNDICES

### Apêndice 1 - Sequência Didática

#### Objetivo Geral:

Desenvolver o pensamento crítico sobre a representação do lobo a partir da obra "A Verdadeira História dos Três Porquinhos".

#### Objetivos Específicos:

- Identificar as diferenças apresentadas na caracterização do personagem lobo, comparando a versão clássica do conto "Os Três Porquinhos" com a releitura "A Verdadeira História dos Três Porquinhos".
- Debater sobre a figura do lobo, construindo argumentos que sustentem diferentes posições nas histórias analisadas.
- Reconhecer a importância do narrador para a construção de sentidos do texto literário.
- Explorar a criatividade ao representar o lobo por meio de ilustrações e descrições próprias.
- Desenvolver o trabalho em equipe para alcançar objetivos comuns.

#### Habilidades da BNCC:

- (EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.
- (EF15LP03) Localizar informações explícitas em textos.
- (EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.
- (EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário

e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

- (EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.
- (EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.
- (EF35LP18) Escutar, com atenção, apresentações de trabalhos realizados por colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.
- (EF35LP19) Recuperar as ideias principais em situações formais de escuta de exposições, apresentações e palestras.
- (EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.
- (EF35LP30) Diferenciar discurso indireto e discurso direto, determinando o efeito de sentido de verbos de enunciação e explicando o uso de variedades linguísticas no discurso direto, quando for o caso.

<b>Proposta 1:</b> O Conto Clássico
<b>Os tempos:</b> 1 hora e 30 minutos
<b>Os espaços:</b> A atividade será realizada na sala de oficina, com as mesas organizadas em círculo para facilitar a participação coletiva.
<b>Os materiais:</b> Livro “Contos de Fadas” de Ana Maria Machado, foto impressa de Joseph Jacobs, quadro, canetão, cartolina, folhas, lápis de cor, giz de cera e canetinhas.
<b>Os grupos:</b> Toda a turma participará de forma integrada, com momentos coletivos e individuais para promover a interação de todos.
<b>Descrição:</b> Nessa aula, a atividade começará com uma roda de conversa, em que será questionado às crianças se elas conhecem a história "Os Três Porquinhos". Elas serão convidadas a compartilhar quem lhes contou essa história pela primeira vez, como a conheceram e o que se

lembram dela. Durante a conversa, as crianças serão incentivadas a recontar a história de forma resumida, destacando os principais acontecimentos e personagens que marcaram a narrativa.

Na sequência, o quadro da sala será dividido ao meio, com uma coluna dedicada aos porquinhos e outra ao lobo. As crianças serão incentivadas a sugerir características dos personagens, que serão anotadas no quadro. Essas informações serão posteriormente transferidas para um cartaz coletivo que ficará exposto na sala de oficina, enriquecendo o ambiente com a participação do grupo.

Depois dessa primeira etapa, será feita uma pergunta às crianças: elas sabem quem é o autor dessa história tão conhecida? Nesse momento, será apresentado o autor Joseph Jacobs, um escritor australiano nascido em 1854, que também escreveu o famoso conto "João e o Pé de Feijão". Para situar as crianças no tempo, será mostrada uma foto impressa de Joseph Jacobs, em preto e branco, e explicado que ele viveu em uma época em que as fotografias ainda não tinham cores. Isso ajudará as crianças a compreender que se trata de um conto popular de muito tempo atrás, que atravessou gerações até chegar a elas.

Após a apresentação do autor, será lida a versão original de "Os Três Porquinhos", escrita por Joseph Jacobs, disponível no livro "Contos de Fadas" de Ana Maria Machado. Durante a leitura, as crianças serão encorajadas a prestar atenção nas diferenças entre essa versão e as que elas já conhecem. Após a leitura, ocorrerá uma discussão para destacar as principais mudanças percebidas na história ao longo do tempo, como o destino dos dois primeiros porquinhos na versão original, em que o lobo os devora, entre outros detalhes que foram alterados em adaptações mais modernas.

Encerrando a atividade, as crianças receberão folhas de papel para criar desenhos que representem como elas imaginam os porquinhos e o lobo. Além dos desenhos, elas poderão escrever as características físicas e de personalidade, como aparência, comportamento e temperamento. Esses trabalhos serão organizados em uma exposição na sala de oficina, ao lado do cartaz coletivo com as características dos personagens.

**O que será observado:** A participação na roda de conversa, a habilidade em recontar a história, a capacidade em descrever as características dos personagens, o engajamento durante a contação, a capacidade de identificar as diferenças entre as diversas versões do conto, a criatividade na expressão artística dos desenhos e a originalidade nas descrições dos personagens.

**Proposta 2:** O Outro Lado da História

**Os tempos:** 1 hora e 30 minutos.

**Os espaços:** A sala de oficina será organizada como um espaço acolhedor, com um tapete grande no centro, cercado por almofadas confortáveis para as crianças se sentarem em círculo.

**Os materiais:** Livro "A Verdadeira História dos Três Porquinhos", de Jon Scieszka, almofadas, um tapete grande, folhas de papel em branco, lupas, lápis e canetas.

**Os grupos:** A turma será dividida em dois grupos principais para o tribunal: um representará os porquinhos, e o outro representará o lobo. A educadora atuará como mediadora entre os grupos, assumindo o papel de juíza. Os grupos serão definidos por meio de um sorteio.

**Descrição:** Nessa aula, as crianças serão convidadas a vivenciar uma experiência reflexiva a partir da leitura do livro "A Verdadeira História dos Três Porquinhos". Para tornar o momento envolvente, a sala será organizada com cuidado, transformando-se em um ambiente acolhedor. Um tapete grande será estendido no centro, cercado por almofadas confortáveis, criando um espaço onde todos possam se sentar à vontade. No meio do tapete, estrategicamente posicionado, estará o livro, em destaque, como um convite para despertar o interesse das crianças junto com uma lupa.

A atividade começará com a leitura do título do livro em voz alta. Após anunciar "A Verdadeira História dos Três Porquinhos", serão feitas perguntas para promover o envolvimento dos alunos: "O que vocês acham que significa 'verdadeira' neste título? Será que esta é uma versão diferente da história que já conhecemos? Será que esta é a história real dos três porquinhos?" Esses questionamentos buscarão provocar reflexões iniciais, instigando as crianças a pensar sobre as diferentes formas de narrar um mesmo acontecimento.

Em seguida, a turma será convidada a explorar a capa do livro em detalhes. A capa será analisada em grupo, e as crianças, com auxílio da lupa, terão a oportunidade de observar que ela se assemelha a uma página de jornal. Serão levantadas questões como: "Qual o nome do jornal que está estampado aqui? Quem escreveu essa história? Quem a ilustrou? Por que será que o autor assinou como 'A. Lobo'? Será que o que sai em um jornal é verdade? Quem está segurando o jornal?" As crianças também serão incentivadas a refletir sobre o destaque dado ao lobo na capa e a importância disso para a narrativa.

Depois de explorar a capa, a atenção será voltada para a contracapa. Nela, as crianças observarão um fundo cheio de letras de jornal espalhadas e a frase "Os cenários dos crimes". Serão feitas

perguntas: “Por que será que o autor usou a palavra ‘crimes’? O que aconteceu na história dos três porquinhos que poderia ser considerado um crime? Quem cometeu esses supostos crimes? Será que essa pessoa tinha alguma razão para agir assim?”

Após essa introdução, será feita a contação da história. A leitura será conduzida com atenção especial à entonação e pausas estratégicas, de forma a capturar a atenção das crianças e mantê-las imersas nos detalhes da narrativa. À medida que a história avança, o suspense será mantido, despertando a curiosidade natural do grupo.

Quando a leitura terminar, a turma será reunida para uma roda de conversa. As crianças serão encorajadas a compartilhar suas impressões sobre a história. Questões como “Quem está narrando esta versão da história? Vocês já tinham parado para pensar no ponto de vista do lobo? Por que é importante ouvir os dois lados de uma história? Vocês emprestariam uma xícara de açúcar para ele fazer um bolo para a vovozinha?” serão discutidas. Esse momento de troca permitirá que as crianças exercitem a argumentação e a escuta.

Além da narrativa, as ilustrações do livro também serão exploradas em detalhes. Serão destacados elementos visuais, como o porta-retrato da vovozinha do lobo, o aspecto queimado nas bordas das ilustrações, as partes de outros animais presentes na preparação do bolo, os gravetos formando garfo e faca, os policiais e os repórteres serem porcos e o lobo com barba branca na prisão. A turma será convidada a refletir sobre o que esses detalhes podem simbolizar, sendo incentivada a usar a imaginação e a conectar os elementos visuais à história.

Na parte final da aula, o conceito de justiça será introduzido. Será perguntado “O que acontece quando há suspeitas de que alguém cometeu um crime? Como essa pessoa é julgada de forma justa? Onde isso acontece?” A partir dessas perguntas, será proposta a realização de um tribunal para decidir se o lobo é culpado ou inocente. A turma será dividida em dois grupos: um representará os porquinhos, e o outro, o lobo. Os grupos serão definidos por meio de um sorteio, com o intuito de equilibrar o número de participantes em cada equipe. Além disso, a educadora será a mediadora, assumindo papel de juíza.

Cada grupo trabalhará em conjunto para revisar os acontecimentos da história, buscando no texto as pistas que servirão para construir a defesa ou a acusação. Eles elaborarão perguntas e argumentos que serão utilizados na próxima aula, durante o tribunal. Receberão folhas em branco para escrever suas ideias. É importante destacar que a linguagem literária será explorada de forma minuciosa, considerando aspectos como o lobo estar gripado, os espirros, a xícara de açúcar, e o fato de os repórteres e policiais serem porcos. Esses detalhes devem ser levados em conta na

construção das argumentações. Esse momento de preparação permitirá que as crianças desenvolvam habilidades de criticidade. A aula será encerrada com a produção desses materiais.

**O que será observado:** O envolvimento das crianças durante a leitura, o engajamento durante as discussões, a capacidade de argumentação ao justificar suas interpretações, o envolvimento colaborativo na elaboração das perguntas e a habilidade em respeitar diferentes pontos de vista.

### **Proposta 3: O Tribunal**

**Os tempos:** 1 hora e 30 minutos.

**Os espaços:** A sala será organizada para criar um ambiente que remeta a um tribunal. As mesas e cadeiras serão dispostas em dois blocos, um para cada grupo, com um espaço central reservado para a educadora.

**Os materiais:** Folhas com as anotações, lápis, quadro e canetão.

**Os grupos:** Os alunos serão divididos em dois grupos com um número equilibrado de participantes: um representará os porquinhos e o outro, o lobo.

**Descrição:** Nessa aula, os grupos terão um período inicial de 15 minutos para organizarem os preparativos para o tribunal. Durante esse tempo, eles poderão revisar as perguntas que elaboraram previamente, ajustá-las se necessário, e refletir em conjunto sobre possíveis argumentos.

Um dos combinados fundamentais estabelecidos no início da aula será o respeito mútuo. Quando um grupo estiver falando, o outro deverá permanecer em silêncio, ouvindo com atenção. Nenhum grupo poderá interromper ou rebater antes que o outro termine sua fala. Esse combinado será reforçado como uma regra essencial para garantir um tribunal respeitoso, onde todos possam se expressar e ser ouvidos.

Com os preparativos concluídos, o tribunal será iniciado. Para determinar qual grupo fará a primeira pergunta, será realizado um sorteio entre eles. O grupo que iniciar fará sua pergunta, e o outro grupo terá um momento para respondê-la. Durante essa etapa, todos os participantes poderão contribuir para a construção das respostas, mas é necessário levantar a mão para que a juíza conceda a palavra.

A cada rodada, os argumentos apresentados pelos grupos serão avaliados com base na clareza, coerência em relação aos fatos da história e criatividade na justificativa. A mediadora decidirá qual grupo apresentou o argumento mais convincente. O grupo vencedor de cada rodada receberá um ponto, e ao final da atividade, o grupo que acumular o maior número de pontos decidirá o veredito: o lobo será declarado culpado ou inocente.

Ao final da sequência, será feita uma reflexão com a turma sobre o livro, destacando como o ponto de vista de quem conta a história pode influenciar a percepção da narrativa. A linguagem literária tem esse poder. Por exemplo, quando o lobo se apresenta como Alexandre, mas pede para chamá-lo de Alex, sugerindo que o leitor se sinta cúmplice dele, ou quando ele faz o leitor imaginar o que faria no lugar dele, se tivesse um cheeseburger à disposição. Dessa forma, o lobo utiliza a ironia em alguns momentos, o que ajuda a mostrar as nuances da especificidade do texto literário. Isso permitirá que as crianças percebam como a linguagem literária afeta nossa interpretação da história.

**O que será observado:** A participação no debate, a capacidade de trabalhar em equipe, o respeito às regras e aos colegas, a clareza na exposição dos argumentos, a criatividade ao justificar suas posições, o engajamento na atividade, a capacidade de refletir sobre a história de maneira crítica.

### Referências:

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf). Acesso em: 02 dez. 2024.

MACHADO, Ana Maria. **Contos de Fadas**: de Perrault, Grimm, Andersen e outros. Edição bolso de luxo: Clássicos Zahar, 2010.

SCIESZKA, Jon. **A Verdadeira História dos Três Porquinhos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

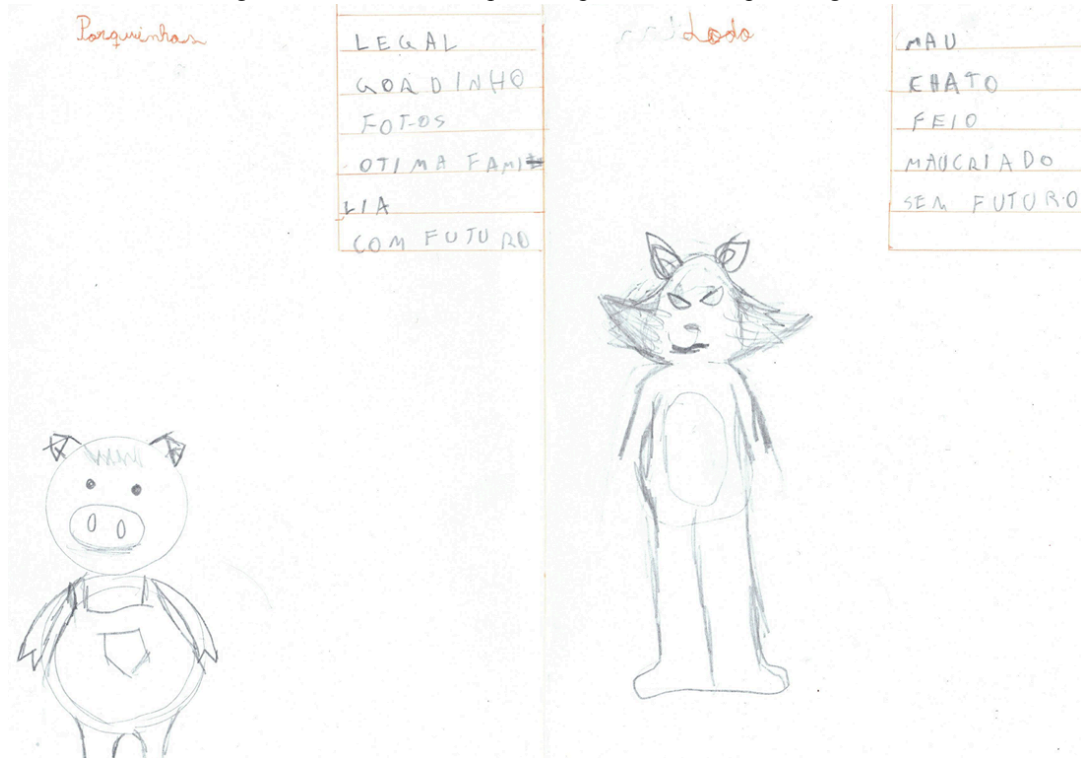
## Apêndice 2 - Perguntas para o Tribunal

<b>Porquinhos</b>	<b>Lobo</b>
1. Por que você não foi comprar açúcar no mercado?	1. Por que vocês não me emprestaram a xícara de açúcar que eu pedi?
2. Por que você não pediu açúcar para outro vizinho?	2. Por que vocês me julgaram sem antes me conhecer?
3. Por que sua mãe não fez o bolo?	3. Por que não me ajudaram a fazer o bolo de aniversário?
4. Por que você não fez um bolo fitness? Sem açúcar.	4. Por que você mandou a minha vovozinha ir às favas?
5. Por que você só estava espirrando? Como você ficou doente?	5. Por que eu fui preso? Sendo que foram vocês que ameaçaram a minha vovozinha?
6. Por que você destruiu as casas dos meus irmãos?	6. Por que me deixaram preso pelo resto da vida?
7. Por que você quebrou a porta da casa de palha?	7. Por que vocês não pensaram melhor nos materiais que usariam para construir suas casas?
8. Por que você não pediu açúcar logo quando bateu na porta?	8. Por que vocês não abriram a porta para mim?
9. Por que tinha partes de outros animais dentro do seu cheeseburger?	9. Por que o primeiro porquinho fingiu não estar em casa?
10. Por que você comeu os meus irmãos?	10. Por que o segundo porquinho matou o meio ambiente para construir a sua casa?
11. Por que você é carnívoro?	11. Vocês acharam justo eu ser condenado por outros porcos?
12. Quem era a sua vovozinha? Era a vovozinha da Chapeuzinho Vermelho?	12. Por que vocês inventaram mentiras sobre mim? Publicaram no jornal que eu era o lobo mau.

## ANEXOS

### Anexo 1

Figura 4 - Desenho feito por L. representando os personagens



Fonte: Autora (2025).

### Anexo 2

Figura 5 - Crianças analisando as ilustrações do livro



Fonte: Autora (2025).

### Anexo 3

Figura 6 - Grupos reunidos para definir as regras do tribunal



Fonte: Autora (2025).